



Maria Cristina Nicolau Kormikiari<sup>1</sup>

**Resumo:** Os fenícios vivem um *revival*: exposições, congressos e publicações de grandes compilações em língua inglesa têm alimentado o interesse por esse povo misterioso. Neste artigo abordamos uma questão que voltou a ser bastante debatida nos últimos dez anos, a própria essência fenícia. Eles existiram ou são uma invenção historiográfica?

**Palavras-chave:** Fenícia; fenícios; historiografia; Arqueologia.

**Abstract:** The Phoenicians live a revival: exhibitions, congresses and publications of major compilations in English have fueled interest in this mysterious people. In this article we address an issue that has been hotly debated over the past ten years, the very Phoenician essence. Did they exist or are they a historiographical invention?

**Key-words:** Phoenicia; Phoenicians; historiography; Archaeology.

**Resumen:** Los fenicios están reviviendo: exposiciones, congresos y publicaciones de importantes recopilaciones en idioma inglés han despertado el interés en estas personas misteriosas. En este artículo abordamos un tema que ha sido objeto de acalorados debates en los últimos diez años, la esencia fenicia. ¿Existieron o son una invención historiográfica?

**Palabras-clave:** Fenicia; Fenicios; historiografía; Arqueología.

Dossiê

## INTRODUÇÃO

A mais recente grande obra acadêmica sobre os fenícios, *The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean* (2019), traz na sua oreilha uma síntese bastante instigante acerca de seu objeto de estudo, redigida por seus editores, C. López-Ruiz e B. R. Doak:

The Phoenicians created the Mediterranean as we know it and yet they are typically marginalized in a story written as one of Greek and

<sup>1</sup> Docente em Arqueologia Clássica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora e co-coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca-MAE/USP). No seu pós doc realizou estágio no Centre Camille Julian, da Université de Provence, em Aix-en-Provence, França. Para consultar demais publicações da autora: <https://usp-br.academia.edu/CristinaKormikiari>. E-mail: [tanit@usp.br](mailto:tanit@usp.br)



Roman success. It is no exaggeration to say that the ancient Mediterranean world, and to some extent the world we live in today, would have been very different had the Phoenicians not existed. The ancient Greeks and Romans may not have started using alphabetic writing when they did, hence literacy and even the development of genres such as history or philosophy might have been delayed, even for centuries. Moreover, the Phoenician commercial and colonial expansion starting in the late ninth century BCE laid out pan-Mediterranean networks and models on which Greece's own colonial expansion thrived. And, were it not for Carthage's grip on the central and western Mediterranean after 500 BCE, Rome might not have engaged in the Punic Wars, which proved to be the foundation of its empire outside Italy.

Nossa visão do mundo antigo é claramente construída em cima da cultura europeia que se desenvolve e domina o Ocidente a partir do período moderno. A derrocada do mundo medieval, que mesmo não tendo sido o deserto de produção e difusão do conhecimento pregado pelo senso-comum, foi um período de freio ao desenvolvimento das ciências, em ebulição na Antiguidade, vai permitir o “ressurgir” e a incorporação de temas como filosofia, matemática, história, filologia, geografia, entre outros, na reorganização social e política que toma conta da Europa a partir já do século XIII<sup>2</sup>. O nascimento da Arqueologia enquanto uma disciplina científica enquadra-se nesse contexto. A retomada dos estudos clássicos se dá, primeira e essencialmente, pelo viés dos textos antigos, mantidos e recuperados nos mosteiros e abadias medievais, e nesse processo inicial a materialidade, os objetos e construções dos antigos tiveram que se encaixar na primazia desses textos escritos. Acontece que esses são textos dos “bem-sucedidos” gregos e romanos, conforme bem apontam López-Ruiz e Doak no excerto transcrito acima. Povos que não nos deixaram obras literárias, históricas, filosóficas, matemáticas, entre outras, seja por razões históricas próprias seja por uma questão de conservação, se viram lançados em um segundo plano, independente da importância real que tiveram na história da Antiguidade. Esse, com certeza, é o caso dos fenícios e de seus descendentes espalhados pelo Mediterrâneo, cartagineses, gaditanos, motienses, e tantos outros.

---

2 Se levarmos em consideração o período da escolástica. É preciso lembrar, ainda, que entre os séculos VIII e IX, durante o Império Carolíngio, houve uma “micro renascença” com restauração e inauguração de novas escolas (ligadas aos mosteiros, aos bispados e às cortes) e organização de programas de retomada dos estudos clássicos, pela via da dialética, gramática, retórica, aritmética, geometria, astronomia e música. Estas escolas seriam, algumas delas, as bases para a escolástica e para as primeiras universidades medievais entre os séculos XII e XIII (sobre o tema ver TRIGGER, 1993, p. 31-36).



A relevância e prevalência dada a gregos e latinos ocorre não apenas em razão de vicissitudes históricas medievais e renascentistas, mas por terem eles habitado e dominado as terras europeias, onde o mundo ocidental tal qual conhecemos hoje se formou, por terem deixado significativas marcas materiais - com seus templos e construções monumentais, suas cidades ortogonais, sua arte - nesses territórios e por terem sido os escolhidos ascendentes da elite burguesa, da nova aristocracia, das ordens eclesíásticas modernas, e, em última instância dos Estados-Nação que se formam ao longo do século XIX<sup>3</sup>.

O rompimento com o mundo oriental, construído no mundo medieval, é então mantido e alimentado, em boa parte, é importante frisar, em razão de desenvolvimentos históricos muito complexos que tomam conta desta vastíssima região a partir do fim do Império Bizantino e da ascensão do Império Otomano. Roma é redescoberta em primeiro lugar também porque as futuras terras gregas modernas encontravam-se submetidas à Sublime Porta<sup>4</sup> e, nesse contexto, as seminais civilizações orientais igualmente sofreram nesse processo seletivo do que deveria ser alçado à grande objeto de estudo.

Os fenícios, como veremos em detalhe abaixo, são orientais, e não ficaram imunes a todo esse processo de subordinação ao Ocidente sofrido por esses povos pré-bíblicos<sup>5</sup>, mas, e esse é um importante mas, eles navegaram e se fixaram por todo o Mediterrâneo, deixando sua terra natal em um processo de contato (comercial, colonial, expansionista) que se inicia no final da Idade do Bronze (c. 1100 a.C.) (KORMIKIARI, 1993).

Desse modo, seus vestígios materiais (que incluem esse documento duplo, material e textual, a epigrafia) encontram-se espalhados pelas terras que banham toda a bacia mediterrânica (costa siro-palestina; ilhas do Egeu; Chipre; Norte da África; Península Ibérica; ilhas Baleares; Sardenha; Sicília; Pan-telaria e Malta). Ou seja, é impossível escaparmos de seu legado.

---

3 Sobre este vasto e complexo tema e sua relação com as Ciências Humanas ver Momigliano (2019); Trigger (1993). Para um estudo aprofundado das raízes do nacionalismo ver Anderson (2003).

4 A Sublime ou Grande Porta era o nome dado ao governo otomano entre o início do século XVIII e o primeiro quartel do século XX. O território que virá conformar o país moderno Grécia ficou sob domínio otomano entre os séculos XIV e XIX. A guerra de independência grega tendo durado de 1821 a 1832. O Império Otomano se estende por uma vasta área do oriente mediterrânico, dos Balcãs à fronteira com o Egito.

5 Edward Said (1978) foi um dos primeiros intelectuais a trabalhar de forma sistemática a questão da negação de valor dado ao Oriente de uma maneira geral. Sua análise se refere a questões contemporâneas, mas podemos retê-la como paradigmática para períodos anteriores.



No entanto, apesar de sabermos que possuíram rica e diversificada produção escrita, infelizmente só chegaram até nós fragmentos destes em textos gregos e latinos, de maneira que a Arqueologia e o estudo da cultura material são nossa principal, se bem não única, fonte de documentação sobre eles. E é a ela que os estudos dos últimos 150 anos têm se voltado.

A falta de documentação textual própria mais abundante nos dificulta uma análise de discursos internos sobre suas percepções identitárias e históricas e discussões acerca dessa problemática vem ganhando força nos últimos anos entre acadêmicos norte-americanos e europeus. Chegou-se, inclusive, a se proclamar a sua não existência (cf. CRAWLEY QUINN, 2018)!<sup>6</sup> É claro que não se pensa, seriamente, em uma desconstrução tão apocalíptica, mas a discussão identitária se faz necessária, bem como uma análise crítica das fontes estrangeiras e da construção histórica moderna e contemporânea acerca desses exímios carpinteiros e navegadores da Antiguidade.

## OS PRIMEIROS PASSOS NO ESTUDO CIENTÍFICO ACERCA DOS FENÍCIOS - SÉCULOS XVIII E XIX

Três estudiosos foram os pioneiros dos chamados estudos fenício-púnicos entre os séculos XVIII e XIX (cf. DUPONT-SOMMER, 1983):

O primeiro foi Jean-Baptiste Barthélemy (1716-1795). Nascido na Provença, sul da França, seguiu estudos de filosofia e teologia entre os jesuítas e, como seminarista, especializou-se em línguas antigas: grego; hebreu; siríaco e árabe.

Ficará conhecido como Abbé Barthélemy, isto é, como Padre Barthélemy, mesmo tendo deixado o seminário e retornado à cidade onde cresceu, Aubagne. Como tantos classicistas antiquários de sua época, Barthélemy se inspirará na riqueza dos vestígios materiais visíveis em sua região, ainda não tocada pela Revolução Industrial que se formava mais ao norte da Europa. Desse modo, além das línguas, que continuará estudando, passa também a se dedicar aos estudos arqueológicos, epigráficos, numismáticos e à História Antiga.

---

<sup>6</sup> No que acreditamos tenha sido muito mais uma questão de incremento expositivo do trabalho em questão. No entanto, J. Crawley Quinn realiza um minucioso trabalho de reconstituição do processo de construção da adoção dos termos fenício e Fenícia na modernidade. A autora argumenta fortemente pela inexistência de uma identidade étnica entre os chamados fenícios (CRAWLEY QUINN, 2018, p. 25-43).



Aos 28 anos muda-se para Paris onde se liga ao Gabinete de Medalhas do rei e, ali, se torna um especialista em classificação monetária<sup>7</sup>, vindo a se tornar membro da Academia de Inscrições e Letras (*Académie des Inscriptions et Belles Lettres*) e, como tal, passa a publicar uma série de trabalhos ('memórias'). A mais famosa delas, "Essai de Paléographie Numismatique", é considerada a primeira tentativa científica de se estabelecer a numismática moderna.

Aos 38 anos, em 1754, apresenta à Academia o texto "Réflexions sur l'alphabet et sur la langue dont on se servait autrefois à Palmyre", abrindo o caminho para o deciframento do alfabeto de Palmira, cidade semita da Idade do Bronze, localizada na região central da Síria, incorporada ao Império Romano no século I d.C.. Um ano antes, Barthélemy havia se tornado o novo 'gardé' do Gabinete de Medalhas do Rei e, nessa condição prestigiosa empreende sua única viagem ao exterior, à Roma, com a missão de aumentar a coleção do Gabinete.

Barthélemy chega à Roma em primeiro de janeiro de 1755 e ali fica por 18 meses, tempo durante o qual visita uma série de sítios arqueológicos, em particular: Herculano e Paestum – onde percorre os famosos e monumentais templos gregos.

Em seu retorno à França, publica uma série de artigos no *Journal de Savants*<sup>8</sup>: "Explication de la mosaïque de Palestreine"; "Les antiquités d'Herculanium"; "Les ruines de Palmyre" e "Les ruines de Balbec".

Em 1758, como continuação à decifração da língua de Palmira, apresenta na Academia o importante estudo "Réflexions sur quelques monuments phéniciens et sur les alphabets qui en résultent"<sup>9</sup>.

O ponto de partida desse estudo é uma inscrição bilingue de Malta, em fenício e em grego, gravada em duas bases de mármore que sustentavam, cada uma, uma coluna coroada com folhas de acanto.

7 O espírito antiquário da época privilegiava a moeda como o documento ideal, uma vez que esta possui imagem e legenda (na sua maioria), sendo assim uma fonte textual não suspeita de manipulação, como seriam os textos clássicos, produzidos por uma minoria elitizada (MOMIGLIANO, 2019)

8 Os números a partir do século XX estão disponíveis em <https://www.persee.fr/collection/jds>. O *Journal des Savants* é o jornal literário mais antigo da Europa, tendo sido fundado em 1665 por Denis de Sallo, conselheiro do Parlamento de Paris. Dissolvido em 1792, foi restabelecido e reorganizado em 1816, sendo que até 1900 suas custas eram pagas pelo Estado. Mas já nos anos de 1901 e 1902 estas despesas foram arcadas pelo Institut de France, e em seguida, passou a ser abrigado pela Academia de Inscrições e Letras, onde se encontra até hoje (cf <https://www.aibl.fr/publications/periodiques/journal-desavants/?lang=fr>).

9 Publicado no *Mémoires de l'Académie*, XXX, p. 405-27.



Barthélemy foi, então, o responsável pelo deciframento final do alfabeto fenício, uma vez que a inscrição de Malta estava sendo estudada há mais de vinte anos, mas sem resultados conclusivos. Este sucesso lhe permitirá começar a ler algumas das inscrições fenícias então conhecidas: moedas de Tiro e Sidon; inscrições funerárias de Chipre (CIS I, 46 e 64).

Além de epigrafista, numismata e orientalista, Barthélemy igualmente estudou a Grécia mais adiante em sua carreira. Em 1788 publicou *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce*, livro que ele levou 30 anos para escrever e teve um enorme sucesso à época.

Desse modo, o Abbé Barthélemy, enquanto responsável pela decifração do alfabeto fenício no século XVIII, representa uma figura icônica dos primeiros estudos científicos fenícios.

O segundo precursor e grande estudioso foi o alemão Wilhelm Gesenius (1786-1842). Ele é o grande mestre que iniciou o estudo acadêmico do hebraico, mas também estudou os fenícios e os púnicos e publicou, em Leipzig, em 1837, "*Scripturae linguaeque phoeniciae monumenta quotquot supersunt*" ("Monumentos, existentes, da escrita e da língua fenícia"). Esta imensa obra foi dividida em quatro livros: de paleografia fenícia; inscrições fenícias de Malta, Atenas, Kition, Sardenha, Sicília, e outros locais; moedas fenícias; língua fenícia (características e história). Ele igualmente buscou vestígios da língua fenício-púnica em escritos latinos e gregos. Por exemplo, citações em Plauto, nomes próprios, de divindades, elementos gramaticais, entre outros.

Por fim, o terceiro grande estudioso foi o famoso Ernest Renan (1823-1892), nascido na Bretanha, França. Renan educa-se no Collège de France em Paris e, em 1862, sucede na cadeira de hebreu seu antigo professor, Étienne Quatremère. O método da gramática comparada, aprendido em seus estudos do sânscrito com Eugène Burnouf, é utilizado por Renan em suas análises das línguas semíticas.

Ganha, por isso, o prêmio máximo no concurso Volney da Academia de Inscrições e Letras (*Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*) e apresenta sua gramática comparada das línguas semíticas (hebreu; fenício; arameu; palmireu; nabateu; árabe) onde procurou as características comuns de todas<sup>10</sup>.

Em 1857, publica a memória da *Histoire phénicienne de Sanchaniaton*, sacerdote fenício do século X a.C. que redigiu uma história da religião fenícia

<sup>10</sup> Apesar de datada, os princípios desta obra ainda são válidos.



e cujo texto foi parcialmente conservado em um resumo grego de Fílon de Biblos, do século III d.C.. Renan defendeu a autenticidade e a historicidade desta obra, o que foi posteriormente comprovado pelas informações contidas nos tabletas de Ras Shamra (antiga Ugarit), da Síria.

Foi o primeiro ocidental a conduzir uma missão de escavações arqueológicas na Fenícia entre 1860 e 1861, onde ele explora quatro regiões: Tortose (Ruad e Amrit), Biblos, Sidon e Tiro (de norte ao sul, ao longo da costa).

Em setembro de 1861, ele e sua irmã contraem febre palude. Sua irmã morre e Renan, tendo sobrevivido, retorna à França em outubro do mesmo ano.

Os resultados das escavações são publicados na obra *Mission Phénicie*, ainda hoje um dos livros essenciais da arqueologia fenícia<sup>11</sup>. Em 1855, o sarcófago de Eshmounazar (rei de Sidon) é encontrado fortuitamente. Cedido à França, hoje encontra-se no Louvre. Em 1861, Renan recolhe inúmeras inscrições *in situ* e as publica no ano seguinte. E em 1867, sob seu ‘patrocínio’, a Academia decide publicar um vasto volume de todas as inscrições semíticas conhecidas até então. A primeira parte é dedicada às inscrições fenícias e púnicas<sup>12</sup>. Assim é que, pois, nasce o *Corpus Inscriptionum Semiticarum* (CIS)<sup>13</sup>.

\*\*\*

O século XVIII marca os primeiros usos do termo “fenício” e do termo “púnico” na academia ocidental, os quais são consolidados ao longo do XIX. Estamos em um momento histórico muito complexo, que envolve a formação dos Estados-Nação, o desenvolvimento das universidades e das Ciências Modernas, como vimos acima.

Os dois termos não são termos inventados modernamente, mas, tampouco são termos que vieram de fontes textuais fenícias e/ou púnicas. No entanto, foram adotados nesse momento moderno de sistematização do conhecimento do mundo antigo.

11 Quando da tomada do território libanês por parte da França, em 1919, no chamado período colonial moderno, os arqueólogos franceses trabalhavam a partir das bases fundadas por Renan.

12 O primeiro volume do CIS, *Pars prima. Inscriptiones phoenicias continens* é publicado em 1881. Seguiram-se mais três fascículos, publicados a cada dois anos, e, em 1891, pouco antes de sua morte, foi publicado o primeiro fascículo do volume dois com as inscrições de Cartago.

13 A primeira metade do século XX e as primeiras décadas que se seguem são períodos marcados por seminais estudos filológicos e publicações de inscrições semitas - fenícias em particular. Para uma compilação detalhada ver Röellig (1995).



Sabatino Moscati, a quem podemos considerar como o pai da Arqueologia fenício-púnica na importante escola acadêmica italiana, na apresentação do catálogo de abertura da exposição *I Fenici*<sup>14</sup> (2001a), nos apresenta o grande objeto desta exposição como semitas do ramo dos cananeus - não autóctones à região que posteriormente marcará sua existência, a costa siro-palestina.

De fato, a ideia de uma não-autoctonia fenícia nos foi fortemente transmitida pela tradição clássica. Segundo Heródoto (I, 1; VII, 89), Estrabão (I, 2, 35; XVI, 4, 27), Plínio, o velho (*Hist. Nat.* IV, 36) e Justino (XVIII, 3, 2-4) teriam vindo de terras meridionais e orientais, em referência ao seu posicionamento final na costa mediterrânica (cf. Röllig, 1983, p. 80)<sup>15</sup>. Recentemente, A. E. Killebrew (2019, p. 42), seguindo importantes estudiosos como Maria Eugenia Aubet (1997, p. 10-12) e Glenn Markoe (2000, p. 12), defendeu a autoctonia fenícia com base em uma forte continuidade cultural (depreendida a partir da documentação arqueológica) em relação à Idade do Bronze Final (c. 1500-1200 a.C.)<sup>16</sup>.

Está posto aqui, um dos aspectos conceituais que mais problematizam a questão fenícia e ele é de ordem cronológica. A partir de quando podemos falar em fenícios e em Fenícia? Esta dúvida se coloca pois as cidades que virão a ser apontadas como fenícias possuem, em sua maioria, uma história anterior por vezes bastante longa. É o caso de Biblos que será apresentada em detalhes adiante.

Sabatino Moscati postulava que a partir do início da Idade do Ferro (c.1200/1100 a.C.) entre si chamavam-se cananeus ou sidonianos<sup>17</sup> (1992,

14 Esta exposição marcou história na Itália, tão dominada pela memória do Império Romano, ao trazer ao grande público, no Palazzo Grassi de Veneza, um pouco sobre os fenícios e seus descendentes, como por exemplo, os cartagineses. O catálogo gigantesco, com mais de 800 páginas e imagens belíssimas que acompanhou a exposição, traz artigos dos mais renomados pesquisadores da área. Em 1992, Moscati retomou o assunto em um livro inteiramente dedicado ao tema, denominado *Chi furono i fenici*.

15 Apenas Filon de Biblos afirma serem eles autóctones. Heródoto os coloca, inicialmente, no Mar da Eritrêia, isto é, no Mar Vermelho; Estrabão afirma que no Golfo Pérsico haveria templos e cidades semelhantes às dos fenícios, o que é confirmado por Plínio; Justino narra que tendo que se afastar de suas terras em razão de um terremoto, os fenícios primeiro se assentaram no Lago Siro (Mar Morto?) e depois na costa mediterrânica (cf. MOSCATI, 1992, p. 3).

16 Neste sentido, estudiosos como Donald Harden (1962, p. 21-22) propunham, inclusive, estendermos o uso do termo fenício para o IIIº milênio (*apud* KILLEBREW, 2019, p. 42).

17 O termo sidonianos aparece em Homero, na opinião de M. E. Aubet (1997, p.8), como anacrônico uma vez que no período homérico a cidade fenícia com mais poder era Tiro. Por outro lado, ela lembra que o rei de Tiro também é chamado de "rei dos sidonianos", o que seria bastante significativo para o período entre os séculos X e VIII a.C. (*idem*, p. 9).





p. 17-18), ou seja, quando historiograficamente se estabelece a “ascensão” dos fenícios (cf. também AUBET, 1997, p. 10; KILLEBREW 2019; ACQUARO, 1987, p. 11). Estes termos são encontrados tanto em documentação arqueológica e textual fenícia, assíria, no Velho Testamento e em Homero (cf. KORMIKIARI, 2018, p.175). Os primeiros contatos com o Egeu são datados do período micênico, no final do II<sup>o</sup> milênio, quando se acredita que estes compartilhassem rotas marítimas e trocas com o Mediterrâneo Ocidental (Sicília, Sardenha e Península Ibérica) (cf. KORMIKIARI, 1993, p. 264)<sup>18</sup>. A documentação egípcia de Tell el-Amarna, do século XV a.C., é igualmente importante fonte de informações (cf. MARKOE, 2000, p.14-16; KILLEBREW, 2019, p. 44)<sup>19</sup>.

O termo Canaã como designação de um local específico surge na metade do III<sup>o</sup> milênio, dado retirado dos achados de Ebla, na Síria (AUBET, 1997, p. 9). A partir do século XV a.C. o termo aparece difundido, como especificação de um local, em textos levantinos e egípcios e em inscrições (ibidem).

Enrico Acquaro nos lembra que em *Gênesis* (10, 15-20) a lista dos povos apresentada traz onze nomes mais o do fundador da genealogia, Canaã, perfazendo portanto doze. Entre os onze povos mencionados (as chamadas “famílias cananitas”), os sidonianos são os primeiros (ACQUARO, 1987, p.10).

A ausência de nomenclatura abrangente encontra explicação na ideia recorrente entre diversos acadêmicos de autonomia das cidades-estado fenícias frente a uma eventual identidade unificada (MOSCATI 2001 a, 2001 b, 1992, 1995; AUBET, 1997; XELLA, 2014; KILLEBREW, 2019). Neste sentido, o uso, em fontes documentais antigas diversas de termos como sidonianos ou tírios em um sentido que transparece a ideia de um agrupamento maior de populações, é explicado como reflexo de hegemonias citadinas pontuais (por exemplo, ACQUARO, 1987, p.16).

Um certo consenso acadêmico acerca destes primeiros “fenícios” do final da Idade do Bronze prega que:

---

18 Apesar de controverso, há quem perceba no termo micênico po-ni-ki-jo / po-ni-ki a existência pré-helênica do termo fenício (MOSCATI, 1995). Em seu dicionário etimológico do grego, Beekes (2009, p. 1583) afirma que o sufixo “ik” (phoinikes), em grego, não é indo-europeu, e portanto, seria pré-grego. Já M. E. Aubet (1997, p. 8) entende que o termo, que aparece em textos em linear B de Knossos e Pilos, se refira a uma erva aromática do Oriente, talvez a ‘herba phoenicia’ de Plínio, o velho, e assim, não possa ser relacionado a uma etnia.

19 As chamadas cartas de El Amarna indicam uma linguagem própria, comum, diplomática e de comércio estabelecida pelos grandes poderes do II<sup>o</sup> milênio no Mediterrâneo Oriental, demonstrando um compartilhamento de valores.



Much like the second millennium Bronze Age inhabitants of the Levant who appear as “Canaanites” in Egyptian, Mesopotamian, and biblical sources, the early Phoenicians, who may have referred to themselves as Canaanites, can be best understood as a confederation of merchant communities of predominantly indigenous populations residing along the central and northern Levantine littoral, with a similar material culture and language, who likely self-identified in terms of their cities and family lineage (KILLEBREW, 2019, p. 42)

O artigo de Killebrew é recente, de 2019, e parece querer por fim à questão historiográfica de ordem identitária, que ganhou fôlego nos últimos tempos (PASTOR BORGONON, 1988-1990; MOSCATI, 1993; RÖLLIG, 1983, 1995; PRAG, 2006; XELLA, 2014; EDREY, 2016; CRAWLEY QUINN, 2018). Esta se alimentou e se alimenta do fato que os termos pelos quais os fenícios, e seus descendentes, englobados no termo púnicos, ficaram conhecidos no mundo mediterrânico grego e romano não são ênicos, e sim éticos.

Temos *phoinikes* para o povo e *Phoiniké* para a região em vocábulos usados pelos gregos, encontrados já em Homero (*Odisseia*, VIII, 159-164; XV, 415-482; entre outras passagens) e é óbvia a conexão com a palavra grega para púrpura, roxo, vermelho: *phoinix*. Esta cor se refere à típica indústria fenícia de coloração em púrpura dos tecidos. O que não sabemos é qual veio antes. Moscati (1992, p. 17) defendia que, de maneira análoga ao termo Canaã, do qual será derivado o termo para vermelho em acadiano, o termo *phoinix* em grego poderia ter sido derivado de um étnico ênico, transliterado para o grego como *phoinikes* e *Phoiniké* (cf igualmente, AUBET, 1997, p. 9-10).

Voltaremos a essa questão mais adiante em nosso artigo. Mas.....

## COMO OS FENÍCIOS SE AUTO DENOMINAVAM?

Moscati defendia, como visto, que uma consciência de uma unidade nacional foi débil entre eles, pois não encontramos vocábulos distintivos dessa consciência (1988, 1992, 1995). De maneira análoga, Paolo Xella retoma esse tema em um artigo mais recente (2014), onde defende que, mesmo não abandonando os termos fenício e Fenícia pelo seu valor heurístico, devemos visualizar a identidade fenícia muito mais do ponto de vista cidadão, isto é, a partir de cada cidade-estado, em razão da falta de documentação que indique alguma ideia de unidade nacional.



G. Markoe foi além e pontuou: “Tyre, Sidon, Byblos, and Arwad were all fiercely independent, rival cities who rarely worked in concert with one another, except under common threat” (2000, p. 10).

Já no II milênio há o uso do nome Cananeu para o povo e Canaã para a região, como mencionamos acima. Mas o termo, de fato, designa, no entanto, toda a área siro-palestina (KORMIKIARI, 2018, p. 175-176). Um dado bastante lembrado, modernamente, acerca do termo e sua relação com os fenícios é a informação fornecida por Santo Agostinho, no final do século IV d.C., quando este relata que o povo africano, no seu tempo, ainda se denominava *Chanani*, isto é, cananeus<sup>20</sup>. Apesar disso, o nome cananeu não pode ser considerado uma designação única dos fenícios. Eles estão, contudo, incluídos nele<sup>21</sup>.

## HÁ COMO DEFENDER A UNIDADE FENÍCIA?

Processos de construções identitárias têm sido objeto de muita pesquisa e discussão ao longo do século XX e XXI. Moscati entendia que um povo era um agregado de pessoas que podiam se diversificar por raça e proveniência, mas que assumiam um caráter homogêneo por terem em comum uma área geográfica, uma língua, um processo histórico e cultural (1995; 2001a).

A maioria dos historiadores entendem que, em relação aos fenícios, estes requisitos só ocorrem em torno de 1200/1100 a.C., pois antes disso, a história siro-palestina não fornece uma distinção clara entre os centros da costa - que seriam, posteriormente, aqueles da Fenícia - e os do interior (MOSCATI 1992, 1995, 2001a<sup>22</sup>; ACQUARO 1987, p. 11; AUBET, 1997, p. 10; contra MARKOE, 2000, p. 22-25)<sup>23</sup>.

A cautela, no entanto, já apontada em 1966 por W. Culican, ainda faz parte de nossa compreensão tão fragmentada deste fenômeno:

20 “For when our country folk, asked what they are, respond in Punic, Chanani— what else do they state, obviously with one letter lost, just as is usual in such cases, than Chananaei?” (St. Agostinho, *Ep. in Rom. inchoat.*, 13). Há quem defenda, no entanto, que essa transcrição não esteja correta e que foi tirada de contexto (CRAWLEY QUINN *et alii*, 2014).

21 Edrey (2016, p. 46) apresenta estudos que reafirmam a identificação étnica fenícia como cananéia.

22 É preciso pontuar que ao longo de seus textos, Sabatino Moscati sempre afirmou a independência das cidades-estado fenícias, salientando a inexistência de uma “nação” fenícia.

23 Para um resumo das posições contrárias e favoráveis à virada fenícia do final da Idade do Bronze, as quais perderam força ao longo das últimas décadas, ver Röllig (1983, p. 79-81).



*The origin of both these cities (i.e. Tyre and Sidon), and indeed the origin of the Phoenician civilization generally, is lost, for neither excavations nor written documents throw much light on the eleventh and tenth centuries B.C. It is indeed possible that the birth of 'Phoenicia' was brought about by the formation of a new population group composed mainly of sea-raider settlers and coastal Canaanites (CULICAN, 1966, p. 72 apud RÖLLIG, 1983, p. 80)*

Dados históricos da região mostram que o sistema organizacional era baseado em cidades-estado. Em um momento precedente, estas cidades-estado da costa - que já existiam, então, antes da Fenícia - não são muito diferentes das do interior - que não formarão a Fenícia.

Na introdução do capítulo sobre religião do *Manuel de recherche*, editado por Véronique Krings, dois dos mais importantes nomes da área, Corine Bonnet e Paolo Xella (1995, p. 316-317), nos lembram que é difícil trabalhar com a ideia de uma realidade histórica por detrás das expressões “religião fenícia” e “religião púnica” porque a Fenícia nunca foi uma entidade política unificada e circunscrita e o mundo púnico abrange uma constelação de situações históricas e culturais bem diferenciadas. As cidades-estado fenícias constituíram-se como entidades geopolíticas frequentemente ciosas de sua autonomia. Os cultos exercendo uma importante função de diferenciação cultural.

Pegamos como exemplo Biblos, a mais antiga das cidades fenícias documentadas. Nas palavras de Moscati teríamos aqui um claro exemplo de continuidade e inovação:

*I Fenici, fu detto, si presentano sostanzialmente come i continuatori della civiltà siro-palestinese dell'età del Bronzo, di fronte alla frattura che le altre genti determinano tutt'intorno. Continuatori, s'intende, non senza sviluppi e innovazioni, dove più e dove meno notevoli; ma pur sempre esponenti di uno sviluppo ininterrotto, come ininterrotto è l'elemento etnico che lo esprime, e in ciò differenziati e autonomi rispetto al mondo circconvicino. Emblematico, al riguardo, può dirsi il caso di Biblo: una città fiorente già nella tarda preistoria e che nel corso del III e del II millennio sviluppa una propria autonoma vicenda, con manifestazioni di cultura nelle quali si anticipano le caratteristiche delle future città fenicie almeno nell'ambito del Vicino Oriente (manca, infatti, l'espansione mediterranea). (MOSCATI, 1992, p. 23)<sup>24</sup>*

24 Em um detalhado artigo Tatiana Pedrazzi (2012) retoma a questão, concordando com a ideia de marcarmos os fenícios como aqueles semitas que irão guardar sua cultura frente às inovações que se espalharão pela região médio-oriental entre o final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro.



Escavada inicialmente por Ernest Renan a partir de 1860, posteriormente pelo egiptólogo Pierre Montet, entre 1920 e 1924, e por fim, a cargo do governo libanês, todo o sítio interno às muralhas, um promontório, foi descoberto, e para além destas, as escavações continuam até hoje (DUNAND, 1973).

A pré-história e a história anteriores à 1200 a.C. fazem parte de um quadro que abarca toda a Síria e a Palestina. Biblos representa os testemunhos arqueológicos mais antigos da área fenícia: desde o final do VI<sup>o</sup> milênio, em nível do mar, atesta-se a presença de um importante assentamento - é tido como o maior da área mediterrânica para esta época (BONDÌ, 2001)<sup>25</sup>. Seus primeiros habitantes dedicam-se à agricultura, ao pastoreio, e à pesca; ou seja, o relacionamento vital com o mar já existe. Contemporaneamente há também a produção de tecidos e de fios que permanecerá até a época histórica de Biblos - e que será uma característica forte da posterior produção fenícia.

Ainda no período Neolítico, ao longo do IV<sup>o</sup> milênio, as evidências materiais apontam para relações profundas entre a costa siro-palestina e a Mesopotâmia (Ur), com semelhanças entre as relações artesanais das duas regiões. Deste período foi achado o mais antigo trabalho em marfim que também será característica da posterior produção fenícia (idem).

O sítio é ocupado sem interrupção e em 3000 a.C. estruturas urbanas mais sistemáticas e massivas são identificadas (habitações, oficinas e templos) (DUNAND, 1973, p. 20). Estas estruturas se agrupam em quarteirões, comunicando-se por meio de ruas estreitas com canalização para a evacuação das águas. Os templos, já existentes há alguns séculos, conservam a planta de um quarto circundado por um corredor. Esta planta se manterá ao longo dos séculos. A cultura material relacionada a esse momento revela as estreitas ligações mantidas entre os habitantes da cidade com o Egito, em sua primeira dinastia, e a Mesopotâmia. O montículo encontra-se todo ocupado por instalações e ruas estreitas, as muralhas cobrem um espaço de 5 ha.

A partir de 2800 a.C., as características urbanas do período anterior tornam-se mais precisas e ampliadas. Acredita-se que as trocas com o Egito, as dinastias II e III, são as bases para o incremento do sítio (idem, p. 21).

Sandro Filippo Bondì (2001) define esse momento como “evolução do III<sup>o</sup> milênio na costa siro-palestina”, quando uma “revolução urbana” chega a esta área costeira, na qual, pela primeira vez aparece um complexo de santuários, de habitações, de edifícios públicos, entre outros; ou seja, uma cidade.

25 A datação mais antiga do sítio remonta ao Neolítico - período que em Biblos vai de c. 5250 a 3800. A primeira instalação sistemática no local ocorre na parte ocidental do montículo, próximo à falésia marítima.



Biblos seria, nesta visão, o grande palco desta nova experiência. Isto se deve ao fato dela estar geograficamente muito bem localizada. É o ponto de apoio natural ao longo das rotas que unem a siro-palestina ao Egito. Durante quase sete séculos, a cidade cresce e se torna mais rica, centro nevrálgico de uma importante rede de trocas entre a Mesopotâmia, a Anatólia e o vale do Nilo.

Biblos torna-se um assentamento urbano bem desenvolvido (cf. BONDI, 2001): tem dois portos; a cidade é protegida por uma cinta murária em cujo interior há um quarteirão de habitações; dois grandes santuários - “Edifício L” e “Templo da Senhora de Biblos” - são os principais locais de culto.

Dedicado a Baalat-Gebal, “A Senhora de Biblos”, divindade tutelar da cidade, este templo marca a riqueza e poder dos monarcas. É usualmente datado de c. 2800 a.C. e as numerosas inscrições e oferendas egípcias ali encontradas apontam por interesses políticos na diplomacia com a casa real de Biblos (AUBET, 1997, p. 18).

Inscrições egípcias de c. 2600 a.C. mencionam os navios de Biblos transportando madeira (cedro) e óleo, como também relatam a aquisição de barcos pelas autoridades egípcias (ibidem).

O aumento das trocas internacionais com o Egito traz influência sobre a cultura de Biblos e condiciona sua economia. No final da IIª dinastia egípcia - início do IIIº milênio - mercadores do Delta abastecem-se de lenha, metais e mercadorias de prestígio. A importância de Biblos para o Egito pode ser visualizada no mito de Osiris: é lá que Ísis vai procurar o corpo do marido (BONDI, 2001). Para além do Egito, textos de Ebla mostram como Biblos comercializava importando metais brutos, estofos, perfumes, animais e produtos alimentícios; e exportando produtos manufaturados de linho e metais trabalhados.

De fato, as descobertas arqueológicas de Ebla mostram que entre 2500 e 2300 a.C. as futuras cidades fenícias em geral se tornaram as principais intermediárias das trocas entre os reinos sírios e o Vale do Nilo. Nos arquivos de Ebla, diversas cidades canaanitas são mencionadas. Em destaque, temos Arwad, Sarepta, Akhziv, Beirute, Tiro e Sidon. No entanto, é bom frisar, Gebal, isto é, Biblos, é que é sempre mencionada como o principal centro comercial e descrita como a capital de um poderoso reino (AUBET, 1997, p. 18).

Mas em meio a essa prosperidade, havia inquietude, pois as escavações arqueológicas identificaram um constante fortalecimento das muralhas. Em c. 2150 a.C., inúmeras destruições e um incêndio parcial arrasam a cidade (DUNAND, 1973, p. 22-23).



O final do IIIº milênio é marcado por uma crise interna que impede o Egito de prosseguir sua política de expansão em direção ao leste. As relações com Biblos são interrompidas bruscamente. Este é um período de grande «agitação» em todo o Oriente Próximo, tumultuado por mudanças territoriais/transfêrencias étnicas, que também afetam a área costeira da siro-palestina (BONDÌ, 2001).

Em Biblos temos o que é identificado como uma ocupação estrangeira (entre o final do IIIº milênio e o primeiro quarto do IIº milênio a.C.) marcada por mudanças arquitetônicas, apesar da manutenção dos espaços sagrados, os templos, com as mesmas funções rituais. Um dos indícios mais conectados a essa mudança está relacionado à cerâmica, transformada e trazida de mais além no Oriente. Acredita-se que uma população vinda dos confins do deserto sírio ocupa a região. São eles que destroem os sumérios na Mesopotâmia e ameaçam o Egito: são os amorritas. A chegada desta nova população é atestada na Síria, na costa siro-palestina e nas terras mais interiores de Canaã (DUNAND, 1973, p. 23).

O período entre c. 2300 e 1900 a.C. é caracterizado por uma interrupção do tráfico marítimo para o Egito como consequência desta invasão. É preciso lembrar que os amorritas são considerados grupos semitas nômades, os quais saquearam e incendiaram diversos centros canaanitas na costa, como Biblos, mas também Tiro. Em seguida, se entrincheiraram mais para o interior, em Aleppo e Mari (cf. AUBET, 1997, p. 19).

Esta fase em Biblos é marcada sim por rupturas violentas mas também pelo aparecimento de inovações, principalmente linguísticas. Estas demonstram mais claramente a configuração cultural da área siro-palestina e sua unidade interna. Com o faraó do Reino Médio, o Egito renasce e entre os séculos XIX e XVIII as relações com a área costeira da siro-palestina são retomadas (BONDÌ, 2001).

Nesse período os reis de Biblos são os únicos entre os asiáticos que são chamados pelas fontes egípcias de “príncipes”. A riqueza e a influência egípcia são atestadas pelas tumbas de alguns soberanos que possuem um mobiliário com objetos de tipo egípcio: medalhões, coroas, cetros de ouro, pedras preciosas, entre outros (ibidem).

Novas camadas de destruição, mais violentas, são datadas para o período entre 2000 e 1725 a.C.. Mas a esta, atesta-se uma reconstrução imediata, seguida pela reorganização das muralhas. É deste período que se data o famoso



Templo dos Obeliscos<sup>26</sup>. Tumbas construídas no fundo de poços, com aparato funerário muito rico são associadas a uma realeza. Nomes como *Abi-shemou* e *Ip-shemou-abi*, são relacionados a príncipes da primeira dinastia babilônica, de origem amorrita (BONDÍ, 2001.).

Os objetos de metal descobertos associados a esses enterramentos revelam uma rede de contatos com centros metalúrgicos da região do Cáucaso e da Armênia. Ao mesmo tempo, tanto a influência mesopotâmica quanto egípcia se mantém. Cerâmica cretense, de *kamarés*, é igualmente atestada. Os gíblitas utilizam uma escrita hieroglífica, em um primeiro momento, e, em um segundo, uma escrita pseudo-hieroglífica (DUNAND, 1973, p. 27).

Entre 1900 e 1550 a.C., os egípcios encontram-se em um momento de conquista da siro-palestina, mas, no final do século XVIII a.C., tanto o domínio hitita ao norte, quanto a chegada dos hicsos põem um freio nesse domínio. Na região de Biblos, atesta-se um grande incremento de desenvolvimento da área rural, relacionado a um adensamento populacional, e os enterramentos trazem, agora, como mobiliário funerário, armas. Armas são igualmente ofertadas nos templos. As muralhas são renovadas (cf. *ibidem*, p. 28).

Entre as cidades posteriormente fenícias, *Acco*, *Biblos* e *Tiro* aparecem, nos textos egípcios, como estados autônomos, ainda que *Biblos* seja mencionada como a ponte do domínio egípcio no Levante (AUBET, 1997, p. 19).

A hegemonia egípcia, portanto, não impede que estes centros comercializem amplamente com a Síria e a Mesopotâmia: os textos dos arquivos de *Mari*, por exemplo, documentam para o século XVIII uma série de trocas entre esta cidade e *Biblos*, baseadas tanto em tecidos e vestimentas como em embaixadas e mulheres, trocadas entre os soberanos. De fato, os centros costeiros mantêm prerrogativas de autonomia institucional e são locais de manifestações culturais, como a procura por métodos gráficos mais ágeis e funcionais daqueles do Egito e da Mesopotâmia; e que são difundidos, como as línguas relativas, na área siro-palestina (BONDÍ, 2001).

A dominação egípcia é retomada entre 1550 e 1200 a.C. Também sob o ponto de vista político a área da costa siro-palestina encontra-se na órbita egípcia - como boa parte do interior da Síria e da Palestina (cf. BONDÍ,

26 Grande recinto quadrangular com diversos vãos, bacias lustrais e um grande número de betilos com formato de pilastras, símbolos anicônicos da divindade. Os objetos achados no santuário fazem parte de alguns dos tipos mais típicos da produção de *Biblos*: estátuas cobertas com ouro que representam personagens masculinos, com vestimenta egípcia e tiara cônica; busto nu e braços ao longo do corpo (por vezes, levantados e flexionados). Modelos egípcios também aparecem em figuras de pasta vítrea usados como ex-votos, representando, por exemplo, o deus *Bes* com testa de leão, esfinge e cabeça de cão. Outros objetos, como punhais de ouro e marfim serão característicos do Iº milênio (BONDÍ, 2001).





2001). Entretanto, já se pode perceber o fracionamento da área em estados formados por cidades (o que será uma constante até o período helenístico).

Ao sul, com a ação do faraó Tutmoses I (1525-1515) e de seus sucessores, o Egito retoma a hegemonia. Ao norte formam-se dois grandes núcleos estatais: o reino hitita na Anatólia e o reino mitani, entre a Síria alta e a Mesopotâmia setentrional.

Os acontecimentos da costa siro-palestina estarão ligados cada vez mais à história destas potências, que se confrontarão na região síria. No geral, o Egito vai manter o poder sobre todo a área costeira - incluindo aí a área das cidades «fenícias»- até Ugarit. A situação será fluída durante os séculos XVI e XIV a.C. e nossa maior fonte documental é a correspondência internacional dos arquivos egípcios de Tell el-Amarna. O Egito vai conhecer momentos de expansão e períodos de recuo enquanto as alianças se modificam e se renovam, envolvendo as cidades sírias cada vez que uma destas, dependendo da potência do momento, liga-se a um reino específico.

Sobre Biblos a documentação existente fala do rei local Rib-Adda. Na sua correspondência com o faraó Amenofis IV relata as dificuldades de manter a aliança de fidelidade com o Egito devido às atividades de Abdi-asirta e Aziru (soberanos de Amurru), que incitam seus súditos à rebelião (cf. BONDÌ, 2001). Já o importante centro de Ugarit apresenta vários aspectos que são aqui documentados para o IIº milênio e que aparecerão na Fenícia do Iº milênio. Fornece, pois, os fundamentos sírios sobre os quais a cultura fenícia vai se articular. Exemplos: taças de ouro e prata; estelas votivas; trabalhos em marfim. Também com respeito à vida religiosa, Ugarit revela em textos rituais figuras que serão veneradas posteriormente na Fenícia: os deuses El, Baal e Reshet e as deusas Anat e Astarte. Com relação ao comércio à longa distância temos que Ugarit, Biblos e Tiro estarão incluídas na grande rede mediterrânea de trocas, mantendo relações com Chipre, Egeu, Síria-Palestina, Egito e Mesopotâmia (AUBET, 1997, p. 20).

Centros que, posteriormente, se definirão fenícios revelam, portanto, aspectos já característicos nos séculos XIV - XIII - XII a.C., e mesmo antes, como vimos. Estes aparecerão novamente na Fenícia do Iº milênio. Por exemplo, em Biblos e Sidon temos o trabalho de alta qualidade com o marfim.

A chamada *Invasão dos Povos do Mar* põe fim ao quadro político do período do Bronze Final e com o término deste, dá-se início à "Fenícia". Nesta algumas das características culturais do período anterior permanecerão: o sistema político da cidade-estado nas mãos da monarquia; algumas formas de produção artesanal; aspectos não secundários do pensamento religioso; algumas e importantes características linguísticas (BONDÌ, 2001).



The Bronze Age in Canaan ends with generalized symptoms of violence, destruction or social-political decline. The destruction and final abandonment of Ugarit around 1200 forms part of the succession of events in Canaan in the end of the Bronze Age, especially the Israelite invasion around 1230 BC and the general instability produced by the so-called 'Sea Peoples'. These latter, outstanding among them the Philistines of obscure origin, after laying waste the Hittite empire and destroying numerous Canaanite cities, took possession of the Southern coastal territory of Canaan around 1180 BC. To these Philistines, who gave their name to that part of the country – Philistia – Palestine – is attributed the introduction of iron metallurgy into the Levant. All these events had as a consequence a cultural and political power vacuum, which ultimately facilitated the incursion of the Aramaic tribes who occupied the interior of the territory – the modern Syria – towards the 11th century BC. The crisis of the end of the Bronze Age in Canaan culminated in a general reorganization of the old land of Canaan, which was reduced to what will become Phoiniké or Phoinicia proper.

Antes da diferenciação que resultará na Fenícia, há pois, um quadro homogêneo de uma civilização “síria” ou “siro-palestina”. Em torno de 1200 a.C. as cidades fenícias emergem autônomas.

### ENTÃO, COMO FICAMOS?

Essa nova *unidade a partir de 1200 a.C.* será percebida pelo outro, o estrangeiro, o grego. A civilização fenícia é o resultado de fatos novos que modificam a situação ao seu redor, e, portanto, por mais paradoxal que pareça, resulta muito mais da continuação do que da inovação, que ocorre, ao contrário, à sua volta.

Nesta conjuntura, um aspecto que chama a atenção é a natureza dos assentamentos urbanos fenícios, cujo modelo será transportado pelos fenícios para todo o Mediterrâneo: cidades fundadas sobre promontórios rochosos, que podiam dispor alternativamente de dois portos; um ao norte e outro ao sul, dependendo da situação dos ventos e das estações. Como alternativa aos promontórios, utilizavam-se as pequenas ilhas de frente à costa, onde a defesa e a construção de fortificações era ainda mais fáceis e também a variedade de cais continuava.



A situação geográfica da Fenícia implica em uma maior ou menor separação com o interior, dependendo das circunstâncias históricas. Até 1200 a.C., as circunstâncias não levam a uma separação mais acentuada, se bem que as cidades da costa desenvolvem-se autonomamente, como vimos.

O fato das cidades fenícias, após 1200 a.C. tornarem-se mais fechadas dificulta o comércio por via terrestre (com o interior), que era um componente essencial da atividade econômica fenícia. Deste modo, a atividade marinha desenvolve-se em sua plenitude (MOSCATI, 2001b).

Como vimos acima, esta atividade sempre esteve ligada à posição das cidades fenícias e organizou-se majoritariamente em âmbito do Mediterrâneo Oriental, em especial com o Egito, que sempre teve relações privilegiadas com a costa siro-palestina.

Dois fatos incrementam a atividade marinha fenícia no início do Iº milênio a.C. segundo Sabatino Moscati (2001b):

1. consolidação dos estados internos, principalmente o de Israel, que restringe duramente o controle do comércio ligado à ele.
2. retomada da expansão egípcia, e principalmente da assíria, que restringem a atividade comercial, e assim obrigam os fenícios a procurar diversos desembocadouros<sup>27</sup>.

Destes fatores determina-se a projeção marítima fenícia, que irá fundar colônias no Ocidente com as mesmas características das cidades orientais: sobre promontórios ou sobre ilhotas próximas da costa, espaçadas regularmente para permitirem as paradas durante navegações. Por exemplo, Cartago e Nora são fundadas em promontórios. Já Motia, Sant'Antioco, Cádiz, Mogador são fundadas em ilhotas.

## **SOBRE A IDENTIDADE FENÍCIA**

E. Röellig (1995, p. 211-213) acredita que um maior entendimento da origem dos fenícios só poderá ser alcançado a partir de uma melhor compreensão dos termos lexicais e das estruturas literárias das inscrições. Mesmo igualmente apontando a existência do debate acerca da definição de nosso objeto de pesquisa, esses 'fenícios', este eminente pesquisador bem afirma:

---

<sup>27</sup> Um estudo extremamente detalhado dos portos fenícios e púnicos foi feito por Nicolas Carayon (2008).



Nevertheless, in the recent years a minimal consensus has been achieved insofar as the beginning of the so called «Phoenician» history coincides (archaeological speaking) with the Iron I-Period. But..... the cultural tradition from the Bronze-Age is unbroken. Garbini adduces a text with a list of «families» from (in Akkadian) *āl Alas<sup>ia</sup>* which contains besides Hurrian, Anatolian and other names some Semitic names of the particular Phoenician type. The central question with reference to this document is, how far it can be interpreted as evidence of a type of «Phoenician» population group at Cyprus or in the Mediterranean, or if it demonstrates a specific type of personal names in Ugaritic. This list nowhere refers to «Phoenicians» or to inhabitants of one of the well known Phoenician cities. But the evidence collected by P. Xella is much stronger with respect to the interconnections between Ugarit and the cities at the seashore and the continuation of not only the onomastic but the cultural heritage at all during the «dark ages». This poses further problems insofar, as the specific cultural modifications which led to the formation of the «Phoenician» culture, registered as a special entity by foreign peoples as the Greeks, should have had specific reasons not yet explained.

**In this respect, the investigation of a surprisingly increased incidence of early arrow heads by B. Sass is of special interest. It gives hints to an increasing influence of a younger Semitic superstratum especially in the field of onomastics. Though the onomasticon of the early pieces, well defined by their special kind of early alphabetic script, bears a suspicious resemblance to the onomasticon of the Late Bronze Age tradition as represented by the texts from Ugarit and the Amarna correspondence, the younger texts - judged by their script - show a more common Phoenician (and to an extent Hebrew) onomasticon. If it is proven now that no cultural and political change took place in the cities of the Phoenician mother-land and its hinterland, but that archaeological and linguistical continuation is stated, than it should be explained why alternations in customs took place which gradually led to this typical formation of a culture as the Phoenician of the First Millennium has been. If the roots of this culture are in the Second Millennium, also - for example - in such a sensitive domain as the religion, we should evaluate the principles which defined the specific culture which came in contact to the Israelite Monarchy on the one side, the Assyrians on the other, - and which spread with such a surprising success in the Mediterranean. (negritos são nossos)**

Gostaríamos de concluir nossa investigação abraçando o ponto apresentado acima, isto é, a chave para uma melhor compreensão do ‘nascimento’ dos fenícios encontra-se em um aprofundamento das pesquisas epigráficas, linguísticas e arqueológicas em relação aos períodos da virada da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, no Oriente, e para os primeiros séculos da Idade

do Ferro, nesse caso, não apenas no Oriente, nas ‘cidades-mãe’ fenícias, mas igualmente no Ocidente mediterrânico, área da diáspora e expansão destas.

Construções identitárias são dinâmicas e presas a contextos históricos, não podemos ter a ilusão que a documentação até hoje amalheada consiga jogar luz às construções identitárias da costa siro-palestina, no detalhe, do IIº e do início do Iº milênios, mas podemos e devemos tentar, retornando à documentação já acumulada, com esse novo e crítico olhar.



## BIBLIOGRAFIA

### *Fontes Antigas*

HOMERO - *Odisséia*. Jaime Bruna (trad.). São Paulo: Cultrix, 1976.

### *Obras*

ACQUARO, E. *Cartagine: un impero sul Mediterraneo*. Roma: Club del Libro Fratelli Melita, 1987 (1ª edição 1978).

ANDERSON, B. R. O'G. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres/Nova Iorque: Verso, 2003 (1ª edição 1983).

AUBET, M. E. *The Phoenicians and the West. Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 (1ª ed. 1987).

BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2009.

BONDÌ, S. F. The origins in the East. In: MOSCATI, S. (ed.), *The Phoenicians*. Londres: Ib Tauris, 2011 (1ª edição 1988), pp 23-29.

BONNET, C. e XELLA, P. La religion. In: KRINGS, V. (ed.) *La civilisation phénicienne et punique: Manuel de recherche*. Leiden/ Nova Iorque/ Köln: E. J. Brill, 1995, p. 316-333.

CARAYON, N. *Les ports phéniciens et puniques. Geomorphologie et infrastructures*. Tese de doutorado. Strasbourg: Université Strasbourg II - Marc Bloch, 2008.

CRAWLEY QUINN, J.; McLYNN, N.; KERR, R. M.; HADAS, D. Augustine's Canaanites. *Papers of the British School at Rome*. Rome: vol. 82, 2014, p. 175-97.

CRAWLEY QUINN, J. *In Search of the Phoenicians*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

DUNAND, M. *Byblos*. Beirute: Librairie Adrien-Maisonneuve, 1973 (1ª edição 1968).

DUPONT-SOMMER, A. Les débuts des études phéniciennes et puniques et leur développement. *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Roma, 1983, p.9-13.

EDREY, M. Phoenician Ethnogenesis: the Crucial Role of Landscape in the Early Shaping of Phoenician Culture. *Ugarit-Forschungen*, vol. 47, 2016, p.41-52.



- FRANKO, G. F. The Use of Poenus and Carthaginians in Early Latin Literature. **Classical Philology**, Chicago, vol. 89, n.2, 1994, p.153-158.
- HARDEN, D. **The Phoenicians**. Londres: Thames and Hudson, 1962.
- KILLEBREW, A. E. Canaanite roots, proto-Phoenicia, and the early Phoenician Period. Ca. 1300-1000 BCE. In: LÓPEZ-RUIZ, C. e DOAK, B. R. (eds.), **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 39-55.
- KORMIKIARI, M. C. N. Expansão marítima e influência cultural fenícia no Mediterrâneo Centro-Occidental. **Anais da VII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Clássica**. Araraquara, 1993, p. 261-267.
- \_\_\_\_\_. Fenícios pelo Mediterrâneo: formas de contato diversificadas. **CADERNOS DO LEPAAQ**, Pelotas, vol. XV, n. 29, 2018, p. 173-185.
- LÓPEZ-RUIZ, C. e DOAK, B. R. (eds.) **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- MARKOE, G. **Phoenicians**. Peoples of the Past Series. Londres: British Museum Press, 2000.
- MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo: Editora Unesp, 2019 (1ª ed. 1992).
- MOSCATI, S. Who were the Phoenicians?. In: **The Phoenicians**. Londres: Ib Tauris, 2001a (1ª edição 1988), p.17-19.
- \_\_\_\_\_. Territory and settlements. In: **The Phoenicians**. Londres: Ib Tauris, 2001b (1ª edição 1988), p.20-22.
- \_\_\_\_\_. **Nuovi studi sull'identità fenícia**. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Chi furono i Fenici**. Turim: SEI, 1992.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: KRINGS, V. (ed.) **La civilisation phénicienne et punique: Manuel de recherche**. Leiden/ Nova Iorque/ Köln: E. J. Brill, 1995, p. 1-18.
- PASTOR BORGONON, H. Die Phönizier: Eine Begriffsgeschichtliche untersuchung. **Hamburger Beiträge zur Archäologie**, Hamburgo, 15–17, 1988–90, p. 37–142.
- PEDRAZZI, T. Fingere l'identità: confini e culture materiale in Oriente. **Rivista di Studi Fenici**, Roma, 40/2, 2012, p. 137-157.
- PRAG, J. R. W. Poenus Plane Est – But who were the 'Punikes'?. **Papers of the British School at Rome**, Roma, vol.74, 2006, p.1-37.
- RÖLLIG, W. On the Origin of the Phoenicians. **Berytus**, 31, 1983, p. 79-93.
- \_\_\_\_\_. Phoenician and the Phoenicians in the Context of the Ancient Near East. **I Fenici: ieri, oggi, domani**, Accademia Nazionale dei Lincei, Commissione per gli studi Fenici e Punici, Roma, 1995, p. 203-214.
- SAID, E. **Orientalism**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1978.
- TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 (1ª ed. 1989).
- XELLA, P. "Origini" e "identità". Riflessione sul caso dei Fenici. **Mélanges de l'École française de Rome - Antiquité** [in ligne], 2014, p.126-132. mis en ligne le 12 décembre 2014, consulté le 27 novembre 2019. URL: <http://journals.openedition.org/mefra/2278>; DOI: 10.4000/mefra.2278